UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM JORNALISMO ESPORTIVO

Laura Gheller

REPORTAGEM DE CAMPO NO RÁDIO E NA TV

Artigo acadêmico apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Jornalismo Esportivo, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 2012

Orientador: Professora Dr[a] Sandra de Deus

PORTO ALEGRE
2012

REPORTAGEM DE CAMPO NO RÁDIO E NA TV[1]

Laura Gheller[2]

Resumo

Este trabalho apresenta uma investigação acerca do papel desempenhado pelo repórter de campo em uma transmissão de futebol, comparando o seu trabalho na TV e no Rádio nos veículos de maior expressão da mídia gaúcha: RBS TV e Rádio Gaúcha. Para análise, foram consideradas as transmissões dos dois veículos do jogo Grêmio x Ypiranga, válido pelas quartas de final da Taça Farroupilha do Campeonato Gaúcho 2012. Os dados obtidos em ambas as coberturas foram analisados sob a luz das categorias definidas por Dalcin (2009). Constatou-se que as transmissões apresentam diferenças e que a forma do meio determina a atuação do repórter de campo.

Palavras-chave: Futebol, Reportagem, Jornalismo esportivo

Abstract

This paper presents an investigation about the field reporter role in soccer broadcast, comparing his work in TV and Radio in vehicles with the highest expression of the media of Rio Grande do Sul: RBS TV and Radio Gaúcha. For analysis, we considered the transmissions of the two vehicles in the game Grêmio x Ypiranga, valid for the quarterfinals of the Farroupilha Cup, of Gaúcho Championship 2012. The data obtained in the cover were analyzed with the categories defined by Dalcin (2009). It was found that the transmissions differ and that the shape of the media determines the field reporter actuation.

Keywords: Soccer, Report, Sports Journalism

---

[1] Artigo acadêmico apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Jornalismo Esportivo, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 2012.

[2] Bacharel em Comunicação Social – habilitação Jornalismo – pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em 2011.

Introdução

A transmissão de jogos de futebol é uma das grandes forças comerciais dos meios de comunicação no Brasil, por tratar de eventos que envolvem emoção e que mexem com o imaginário e a paixão do torcedor, principalmente em um país em que campeonatos de futebol são disputados o ano inteiro. Neste âmbito, o repórter de campo é o profissional da imprensa que fica mais próximo dos acontecimentos do jogo. Ele é a "testemunha" da emissora que apura dali as informações pertinentes, detalha os lances e entrevista os personagens da partida, mas com peculiaridades específicas à cada meio de comunicação. É visível a relevância da questão no jornalismo esportivo, pela escassez de literatura que retrate a atividade deste profissional, que é um dos principais responsáveis por transmitir a emoção nas coberturas de futebol.

Neste trabalho, buscou-se comparar as especificidades da reportagem de campo no Rio Grande do Sul durante a cobertura de um jogo de futebol em dois meios distintos: o rádio e a televisão. Para isso, foram consideradas as transmissões realizadas pelos dois veículos de maior expressão no Estado - RBS TV e Rádio Gaúcha - da partida Grêmio x Ypiranga. O jogo era válido pelas quartas de final da Taça Farroupilha, o segundo turno do Campeonato Gaúcho, e foi disputado no dia 15 de abril de 2012 no Estádio Olímpico, em Porto Alegre. A escolha se deu pelo caráter eliminatório da partida e por ter sido a que rebaixou o Ypiranga para a segunda divisão do Gauchão (o Grêmio venceu por 4x0).

Os dados obtidos em ambas as coberturas foram analisados sob a luz das seguintes categorias, propostas por Dalcin (2009):

1. Principais conteúdos abordados pelo repórter;
2. Linguagem do repórter;
3. Tempo de participação do repórter na transmissão;
4. Orientação recebida pelo repórter para sua atuação em campo;
5. Quantidade e tempo de entrevistas.

A reportagem

A reportagem é peça fundamental do jornalismo e é o repórter quem garimpa as informações de dentro do seu campo de acontecimento e as distribui em reportagens, boletins, notícias, enfim, as repassa para o noticiário. Segundo Sodré (1986), as

principais características de uma reportagem são a predominância da forma narrativa, a humanização do relato, o texto de natureza impressionista e a objetividade nos fatos narrados. Lage (2003, p.23), completa:

> O processamento mental da informação pelo repórter inclui a percepção do que é dito ou do que acontece, a sua inserção em um contexto (o social e, além desse, toda informação guardada na memória) e a produção de nova mensagem, que será levada ao público a partir de uma estimativa sobre o tipo de informação de que esse público precisa ou qual quer receber. Em suma, o repórter, além de traduzir, deve confrontar as diferentes perspectivas e selecionar fatos e versões que permitam ao leitor orientar-se diante da realidade.

O jornalismo esportivo segue os mesmos conceitos e, dentro de campo, o repórter exerce a função em sua forma mais genuína. “O repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante” (LAGE, 2003, p. 23). Segundo Schinner (2004), a reportagem de campo durante transmissões de jogos de futebol é uma atividade que praticamente só existe no Brasil. Aqui ela é tão importante que a necessidade de um testemunho por parte de quem está dentro do campo se comprova pelos torcedores que assistem ao jogo de dentro do estádio: é comum vê-los com fones de ouvido, escutando simultaneamente a transmissão de alguma rádio local.

Nesse contexto, as características impostas pelos diferentes meios devem ser respeitadas pelos repórteres. Na televisão, por exemplo, o profissional não precisa enfatizar o óbvio, ou seja, a imagem que está sendo transmitida (SAMPAIO, 1971). Segundo o jornalista esportivo da Fox Sports Luciano Calheiros, a ênfase nas transmissões televisivas é sempre em cima das novas informações. “Eu me foco no que eu avalio que seja do interesse do torcedor [...]. O rádio está ali para falar que o jogador levou o cartão amarelo ou que está caído. O repórter de TV não precisa se apegar a isso porque as pessoas estão vendo” (CALHEIROS, 2009). O jornalista esportivo da RBS TV Fernando Becker ratifica: “(...) O repórter de rádio participa muito mais do que o repórter de televisão, porque ele tem que dar o detalhe do lance, descrevê-lo” (BECKER, 2009).

A reportagem de campo em transmissões radiofônicas é conceituada pelo jornalista esportivo da Rádio Gaúcha Zé Alberto Andrade como o apoio da narração. “É o repórter quem detalha o que o narrador diz superficialmente ou quem acrescenta

coisas que o narrador não vê e que não estão necessariamente na bola rolando" (ANDRADE, 2009).

As entrevistas dos repórteres esportivos nas entradas e saídas de campo são uma das principais funções dos profissionais. Lage (2003) classifica a prática como "Entrevistas Rituais". Elas são geralmente breves, cujo ponto de interesse está mais centrado na exposição (seja sonora ou visual) do entrevistado do que no que ele realmente tem a dizer. "As declarações ou são irrelevantes, ou esperadas, ou ainda mera formalidade" (LAGE, 2003, p.74).

Barbeiro e Rangel (2006, p.75) completam: "Os repórteres pegam caronas em entrevistas coletivas e telespectadores e ouvintes não conseguem entender o assunto, os comentários são mediúnicos e as entrevistas entediantes". Ainda segundo os autores, a maioria das entrevistas na área esportiva é totalmente viciada, repletas de perguntas – e por consequência, respostas – automáticas e previsíveis.

Andrade, entretanto, diz que existem algumas regras na transmissão radiofônica que são difíceis de contornar, como perguntas pré-estabelecidas que precisam ser feitas e a necessidade de finalizar uma entrevista para que o colega de reportagem também possa colocar outro personagem no ar.

> Eu queria ver o meu entrevistado me dar uma resposta que não seja a padrão. Eu tenho obrigação de fazer a pergunta padrão, mas eu gosto de fazer uma segunda pergunta, para mostrar que não sou uma máquina de repetição. E para testar se ele não é uma máquina de repetição de resposta (ANDRADE, 2009).

Na TV, principalmente na aberta, as entrevistas curtas e com perguntas prontas são constantes devido à grade de programação, como explica Becker: "Na RBS TV e na TV Globo, que possuem grade engessada, a orientação é uma entrevista e uma pergunta" (BECKER, 2009). O jornalista cita que já fez mais perguntas em intervalo de jogo exibido pela Globo, e foi advertido porque sua participação estava muito longa.

A reportagem de campo na RBS TV e na Rádio Gaúcha

De acordo com Dalcin (2009), é dessa forma que os repórteres esportivos do Grupo RBS atuam nas transmissões de futebol na TV e no rádio:

	RBS TV	RÁDIO GAÚCHA
Equipe básica de transmissão	Um narrador, um comentarista e dois repórteres de campo	Um narrador, um comentarista, um comentarista de arbitragem, um plantonista, um repórter de torcida e de dois a quatro repórteres de campo
Prioridade no trabalho	Novas informações, movimentações no campo e curiosidades	Descrição do lance, função comercial e entrevistas
Orientação da empresa quanto à linguagem	Rígida na restrição à linguagem bélica	Sem restrições
Orientação da empresa quanto à invasão de campo	Rígida na proibição da invasão de campo	Proíbe, mas ainda fica, na maioria dos casos, a critério do repórter
Entrevistas	Preferência por menos personagens e poucas perguntas para cada um, devido ao tempo limitado de transmissão	Preferência por mais personagens e menos tempo para cada um

Ao analisarmos a tabela, podemos perceber que as maiores diferenças nos dois veículos se referem às determinações da empresa, às escolhas de entrevistas e às atribuições do repórter no seu trabalho de campo.

Na televisão, as prioridades, segundo Dalcin (2009, p. 49), são “as curiosidades que circundam o jogo, a movimentação do técnico e as informações sobre os times. A entrevista, embora relatada em outros momentos como sendo de extrema importância, não foi citada”.

Na transmissão radiofônica, dentre as principais funções do repórter está a comercial, que é caracterizada pela citação do nome de uma empresa patrocinadora ao final de cada participação e é uma obrigação cobrada em roteiro de jornada esportiva. “Quando vendemos a cota, temos o mínimo padrão de oito citações por patrocinador, e temos sete patrocinadores. O narrador é obrigado a te chamar mesmo que não tenha grande necessidade, e essa é uma das funções do repórter de campo” (ANDRADE, 2009).

Quanto à invasão de campo, a orientação da Rede Globo e da RBS TV é rígida: repórter está proibido de entrar em campo. Segundo o jornalista esportivo da RBS TV Glauco Pasa, “quanto mais confusão se tem, mais depreciado fica o espetáculo, ou seja, menor o valor de mercado” (PASA, 2009).

O uso da linguagem bélica na televisão também é proibido. “A linguagem bélica é proibida, terminantemente proibida. Não se fala em ‘guerra’ nem em ‘batalha’. ‘Confronto’ é uma coisa limitada de se falar” (PASA, 2009). De acordo com Hatje (2000), o uso da linguagem militar e guerreira é uma condição comum aos meios de comunicação quando se referem aos esportes. “(...) A linguagem bélica, que não é própria do esporte, mas é usada porque é acessível à sociedade e às culturas” (HATJE, 2000).

A Rádio Gaúcha, embora pertença à mesma empresa que RBS TV, impõe menos restrições aos repórteres. Não há determinação que proíba o uso da linguagem bélica nem a invasão de campo aos profissionais da rádio. Em ambos os casos, a orientação é avaliada apenas em virtude de algum problema. “A orientação vem normalmente depois de acontecer alguma coisa. É mais fácil ouvir o ‘não use mais isso’ do que o ‘evite fazer isso’ antes do jogo” (ANDRADE, 2009).

Com relação ao número e ao formato das entrevistas, não há orientações específicas em ambos os veículos. “Apenas se leva em consideração as adequações ao meio em que se está trabalhando e o bom senso na escolha do entrevistado e na condução da entrevista” (DALCIN, 2009, p. 47).

No rádio, são comuns diversas entrevistas curtas com o maior número de personagens possível. Na televisão, em função da necessidade de a câmera estar bem posicionada e estável para a entrevista, a quantidade de entrevistados é menor – e o número de perguntas para cada, maior.

A escolha dos personagens que serão entrevistados fica a cargo do repórter. O único cuidado que os profissionais têm nessa seleção é buscar fontes que saibam falar bem. “Tem jogador que a gente nem tenta ouvir, porque não adianta. A não ser que ele faça três gols no primeiro tempo, por exemplo: pode não falar nada, mas você tem que ouvi-lo” (CALHEIROS, 2009).

As transmissões

Após a análise das transmissões da Rádio Gaúcha e da RBS TV do jogo Grêmio x Ypiranga, foi possível tabelar os seguintes dados (os tempos são aproximados):

	RBS TV	RÁDIO GAÚCHA
Equipe	Narrador: Paulo Brito Comentarista: Mauricio Saraiva Repórteres de campo: Debora de Oliveira e Fernando Becker	Narrador: Marco Antonio Pereira Comentarista: Nando Gross Repórter de torcida: Dione Vasconcellos Repórteres de campo: Eduardo Gabardo, Filipe Gamba e Zé Alberto Andrade Plantonista Esportivo: Cleber Grabauska
Participação da reportagem na abertura (primeiras movimentações no campo)*	55 segundos, com 2 entradas	12 minutos e 19 segundos, com 27 entradas
Participação da reportagem no encerramento (do apito final ao fim da jornada)*	não registrada	50 segundos, com 4 entradas
Participação da reportagem no intervalo*	20 segundos, com 1 entrada	1 minuto e 43 segundos, com 7 entradas
Participação no 1º e no 2º tempo	3 minutos e 28 segundos, com 23 entradas	16 minutos e 41 segundos, com 80 entradas
Total de entradas e participação no jogo*	4 minutos e 43 segundos 26 entradas	31 minutos e 33 segundos 118 entradas
Entradas com menos de 10 segundos*	13 entradas	52 entradas
Entradas com mais de 20 segundos*	3 entradas	24 entradas
Tempo das entrevistas em toda a transmissão	*5 minutos e 16 segundos*	*12 minutos e 3 segundos*
Total de entrevistas em toda a transmissão	*11 entrevistas*	*21 entrevistas*

*não contabilizadas entradas com entrevistas

A transmissão do jogo Grêmio x Ypiranga pela RBS TV seguiu os moldes das transmissões na TV aberta: equipe mais enxuta, menor espaço para entrevistas, abertura mais curta e com pouca participação dos repórteres. O Grêmio foi a primeira equipe a entrar em campo, e o fez enquanto Débora de Oliveira repassava as informações iniciais do time. Após a repórter finalizar o boletim, o narrador anunciou a escalação da equipe. Em seguida, Becker passou ao telespectador as informações do Ypiranga e Paulo Brito complementou com a escalação do time de Erechim. O narrador também foi o responsável por anunciar o trio de arbitragem.

As entrevistas na transmissão televisiva começaram pela equipe gremista, a primeira a entrar em campo. Becker, que acompanhava o Ypiranga, precisou interromper o comentarista mais adiante em função do pequeno atraso da equipe de Erechim em adentrar o gramado.

A transmissão do jogo pela Rádio Gaúcha, por sua vez, inicia de forma dinâmica e organizada. Quando os times se preparam para entrar no gramado, os repórteres alteram informações de campo e torcida, e são também responsáveis por divulgar a escalação das equipes. Isso ficou claro no início da transmissão do jogo, quando os repórteres trazem, em sequência, a manchete, o destaque e a escalação de cada uma das equipes. Ao fim da escalação do Grêmio, que deveria ser sucedida pela do Ypiranga, os repórteres aproveitam a presença no gramado do preparador de goleiros do Grêmio, Francisco Cersósimo, que faria seu último jogo pelo clube, para entrevistá-lo. Sobre o mesmo assunto, o diretor-executivo do Grêmio, Paulo Pelaipe, também foi entrevistado em seguida.

Durante a entrada dos times, é difícil a transmissão voltar para a voz do narrador: os repórteres se revezam com informações e entrevistas. “Isso colabora para que a reportagem radiofônica tenha uma participação muito mais efetiva na transmissão do que a reportagem televisiva” (DALCIN, 2009, p. 52).

Na participação da reportagem neste jogo, podemos destacar alguns aspectos. Em ambos os veículos, a maior parte das participações curtas, com menos de dez segundos, aconteceu com a bola em jogo e fez referência a complementações do que foi dito pelo narrador ou anúncios de substituição. Quanto às participações mais extensas, com mais de vinte segundos, das 24 contabilizadas na reportagem de rádio, 12 foram no início da jornada, quando os repórteres de rádio conduzem a transmissão. Outras oito foram registradas no segundo tempo, sendo a maior parte delas intervenções do repórter Zé Alberto Andrade, que costuma alongar-se mais nos detalhamentos dos lances – na segunda etapa, ele acompanhava a partida do lado do campo em que o Grêmio, que finalizou mais, atacava. Na televisão, das três participações de repórteres superiores a vinte minutos, duas são referentes aos boletins iniciais.

Com relação à linguagem bélica, a RBS TV seguiu a orientação da empresa e não utilizou fez menção a esse tipo de expressão. A transmissão da Rádio Gaúcha, no entanto, utilizou-se da palavra “foguete” quando o repórter Andrade detalhou um dos gols da equipe gremista: “Fernando chegou na cara do gol, meio desajeitado, foi do jeito

que deu, mandou um *foguete* para o fundo da rede". Embora não tenha sido constatado neste jogo, a transmissão de rádio também se utiliza de outros vocábulos relacionados à guerra nesses casos, como *canhão*, *míssil*, *torpedo*. Como constatamos anteriormente, a Rádio Gaúcha não impõe essa restrição de vocabulário aos seus profissionais.

Outro ponto em comum na atuação dos repórteres da RBS TV e da Rádio Gaúcha é o anúncio da curiosidade e das manifestações em campo, não só no que tange às substituições, que são frequentemente divulgadas pelos profissionais, mas também no que diz respeito aos comportamentos e palavras dos técnicos. Na transmissão televisiva, após o segundo tento do Grêmio, Débora destacou, antes mesmo das informações sobre o gol marcado, uma observação sobre o técnico Vanderlei Luxemburgo.

> Uma curiosidade: o torcedor estava aqui, reclamando com o Luxemburgo, sobre o Gabriel, que tinha que substituir o Gabriel. E o Luxemburgo estava conversando com os torcedores, durante o jogo mesmo. Aí, agora, depois desse segundo gol, o Luxemburgo foi sorrindo até o torcedor: 'E agora?', né? O torcedor já fez as pazes com ele.

No rádio, Andrade também constatou o comportamento de Luxemburgo logo após o segundo gol:

> O Vanderlei agora está à beira do gramado passando instruções para o Gilberto Silva, fazendo até gestos bem enérgicos. No momento do primeiro gol, e depois, consequentemente, do segundo, ele já tinha saído, acho que uns cinco minutos - alguns minutos -, da beira do campo. [Ele] estava sentado com os companheiros de comissão técnica no banco de reservas. Estava parado, o Luxemburgo, naquele momento em que o Grêmio fez os dois gols, e, agora, [ele] volta para a beira do campo.

O repórter também aproveitou a descrição de uma jogada para falar sobre a reação de Miralles após o jogador ter perdido a chance de marcar um gol.

> E o mais interessante foi a reação do Miralles: colocou a mão no rosto como [se estivesse] dando a ideia de vergonha pelo lance que ele perdeu. Realmente um lance que ele construiu, tomando a frente da jogada, e que ele na hora da conclusão, perdeu o tempo, furou em bola. E aí ficou grosseira a jogada de Miralles, que poderia ter feito o quarto. Grêmio 3 x 0 na informação da Pepsi.

Uma diferença bastante evidente entre as transmissões remete ao momento mais importante de um jogo de futebol: a hora do gol. "O detalhamento da jogada, principal tarefa dos repórteres de campo de rádio, ganha um espaço maior e uma linguagem um pouco mais emotiva" (DALCIN, 2009, p. 54). No caso do jogo Grêmio x Ypiranga, a emoção ficou ainda mais aflorada em função da sequência do lance. O repórter Eduardo Gabardo precisou interromper a descrição do primeiro gol da equipe gremista por causa

de outra finalização que estava em andamento e que resultou no segundo gol. O lance, incomum, mostra a agilidade que deve ter um repórter de campo: ele precisa pensar na jogada anterior, para descrevê-la, e ainda prestar atenção à movimentação do jogo em tempo real:

> Com uma marcação do Ypiranga bem encaixada, estava faltando isso: o elemento surpresa. Marco Antonio e Miralles participaram da jogada de combinação, aí veio o cruzamento na ponta direita e o Werley veio lá de trás em alta velocidade e aí, livre, não tinha marcação, ficou fácil para ele. Só completou para o fundo do gol para...Olha o Grêmio...

No terceiro gol, quem fez o detalhamento foi Andrade:

> A bola veio pela direita, um ataque rápido do Grêmio em que o Léo Gago havia sido atingido lá no meio. Seguiu a jogada, ponta direita, cruzamento. O Marco Antonio apareceu pela ponta, a bola cruzada retrucou na defesa, o Fernando vinha de fora da área na corrida. Primeiro chute retrucou no zagueiro do Ypiranga. Na volta, bateu no Fernando, houve reclamação de que teria levado com a mão. Totalmente sem intenção, na boa. Fernando chegou na cara do gol, meio desajeitado, foi do jeito que deu, mandou um foguete para o fundo da rede. O Grêmio, com o garoto de Erechim, faz três a zero no Ypiranga de Erechim.

Os detalhamentos de gols dos repórteres da Rádio Gaúcha duram entre 20 e 40 segundos, dependendo do profissional. Ao fim de cada participação, é de praxe chamar o comentarista, para que faça o comentário do gol, e este, por sua vez, chamar o plantonista esportivo, para que complemente com os dados estatísticos pertinentes.

Na televisão, o momento do gol é do comentarista, apenas. O repórter faz, em seguida, o papel do plantonista do rádio. Na transmissão de Grêmio e Ypiranga, a repórter Débora de Oliveira acabou informando de uma só vez os dados dos dois primeiros gols, que foram marcados em sequência. “Só vale lembrar que foi o terceiro gol do André Lima no Gauchão. O Werley fez o segundo dele na temporada. O primeiro no Campeonato Gaúcho, mas já tinha marcado um na Copa do Brasil”. A intervenção durou 15 segundos.

No encerramento do jogo pela RBS TV, a participação dos repórteres foi muito pequena: eles conseguiram apenas duas entrevistas, e uma delas já estava em andamento. A falta de tempo da televisão aberta fez com que o afobamento dos profissionais para encerrar a jornada ficasse visível.

Em contrapartida, foi possível observar que, durante a transmissão, por elegerem poucos personagens do jogo para entrevistar, a maior parte das entrevistas na TV foi mais proveitosa, com menos perguntas prontas.

> Acompanhando as transmissões, fica claro que as boas perguntas (que por consequência, obtêm boas respostas) ocorrem quando o repórter domina o

> contexto do jogo e a situação do time ou do jogador; quando há tempo para parar o jogador e fazer a pergunta; e quando há clareza quanto ao repórter que está perguntando, ou seja, quando não há uma aglomeração ao redor do jogador, com diversos microfones e diversos profissionais perguntando praticamente ao mesmo tempo (DALCIN, 2009, p. 60).

Na volta do intervalo, foi possível acompanhar um desses momentos quando a repórter Débora de Oliveira abordou, sozinha, o jogador Souza, e fez a seguinte pergunta: "O Luxemburgo já trocou o Gabriel, até para preservação. Vocês também estão em alerta, vocês que estão tendo uma sequência maior de jogos, para que, se cansarem, possam ser substituídos também?". Foi uma pergunta oportuna, que mostrou conhecimento e perspicácia da repórter em relação aos jogos e à rotina da equipe. Também se mostrou interessante ao torcedor, que poderia projetar como ficaria seu time com possíveis substituições.

Uma situação distinta pode ser notada no Grenal 378 - disputado em 25 de outubro de 2009 -, relatada por Dalcin (2009, p. 60), em que o repórter Becker abordou o jogador do Internacional D'Alessandro no intervalo do jogo: "Por ser o autor do gol da partida, o jogador estava cercado de repórteres e caminhando em direção ao vestiário. Becker fez a pergunta 'E o gol, D'Alessandro?', e recebeu a resposta 'E o gol foi gol, né?'".

A rádio, por sua vez, é rápida e dinâmica, o que faz com os repórteres também o sejam na hora de atuarem dentro do campo. As características que individualizam esse tipo de transmissão, entretanto, são as mesmas que causam suas deficiências. Conforme Dalcin (2009, p. 57), "o dinamismo dos repórteres durante a cobertura pode gerar confusões para o ouvinte, devido à intensa movimentação dentro de campo".

Na partida entre Grêmio e Ypiranga, não foi constatado nenhum descuido mais grave, como trocas de nomes de jogadores e entrevistas repetidas com o mesmo personagem. A necessidade de ouvir um cardápio variado de fontes, no entanto, faz com algumas entrevistas se tornem irrelevantes para quem está ouvindo. Foi o caso da que ocorreu com o jogador Pará, antes do início do jogo. O repórter Andrade abriu seu microfone no fim da entrevista do gremista, e a única coisa que o ouvinte conseguiu escutar foi "...parado". Em situações como essa, geralmente, os repórteres fazem outra pergunta para que a entrevista seja, pelo menos, válida. Andrade, contudo, finalizou a conversa após a última palavra de Pará: "Falou aqui Pará, para Pepsi". Em certas ocasiões, é compreensível que as entrevistas sejam encerradas após a fonte proferir apenas uma frase – quando o outro repórter está esperando para conversar com o técnico

de uma equipe, por exemplo. Não foi o caso desta situação, já que os outros repórteres não fizeram entradas imediatas à entrevista de Pará.

Em outro momento da abertura, pouco antes do apito inicial, Marco Antônio chama o repórter da torcida, mas quem entra é Gabardo, para falar sobre o cumprimento dos técnicos. Enquanto o repórter dá seu testemunho, Andrade abre seu microfone e fala sobre a máscara protetora que Gilberto Silva está usando no jogo. Ao mesmo tempo, o comentarista Nando Gross começa a fazer uma pergunta, mas não consegue finalizá-la. Na sequência, todos os microfones são fechados, há alguns segundos de silêncio, e Marco Antônio retoma a transmissão com uma publicidade.

> O afobamento e a correria na hora do jogo propiciam esses descuidos, comuns na transmissão radiofônica: deixar frases de entrevistados pela metade, entrar com mais de um jogador ao mesmo tempo, disparar informações simultâneas em dois ou mais microfones abertos, anunciar um jogador e outro entrar no ar, são práticas que prejudicam a cobertura, o trabalho dos repórteres e a compreensão dos ouvintes (DALCIN, 2009, p. 58).

Outra característica das entrevistas de rádio é a forma como as perguntas são feitas pelos repórteres no pré e no pós-jogo. Rodeados por diversos microfones, os jogadores e técnicos não são alvo de indagações, e sim, de frases. Como exemplo na partida Grêmio x Ypiranga, temos a atuação de Gabardo na entrevista pós-jogo com Werley. A “pergunta” do repórter foi “Wesley e os dois gols”.

A linguagem mais flexível também pode ser observada em outras duas situações da transmissão radiofônica. A primeira é a coloquialidade. Embora a TV também use esse tipo de linguagem, ela evita veicular comentários em tom cômico gratuitamente. Comentários livres, em tom de piada, são comuns no rádio. No segundo tempo de jogo, por exemplo, comentarista e narrador falavam sobre os óculos e a camisa de dois dirigentes do Grêmio e Andrade interviu: “Dona Fashion Iguatemi”. Mais adiante, o repórter Filipe Gamba anuncia a última substituição do Grêmio – o jogador Felipe Nunes. Após o comentário de Marco Antonio, que faz referência à cor da chuteira do atleta, chamando-o de “pé-de-cenoura”, Gamba completa, em tom de piada: “Tá feia essa chuteira, hein, Marco Antonio?”.

O segundo aspecto da linguagem é a opinião. Embora não sejam frequentes nas intervenções dos repórteres, os comentários exprimindo algum julgamento de valor existem, principalmente em jogadas de falta. O narrador avisa que o árbitro marcou a falta e chama o repórter para que ele emita sua opinião. “E aconteceu a falta, Marco

Antonio. O Edinho, em cima do Leo Gago. Falta já cobrada, Grêmio na frente, três a zero, na informação Lâmpadas FLC", disse Gamba em um lance.

Essa liberdade de julgamento de valor também se expressa na livre discordância em relação ao juiz, como nesta descrição de Gabardo: "Sinceramente, eu não vi, não [a falta]. A galera ficou na bronca, o Souza, no momento em que ia roubar a bola, acabou derrubando o jogador do Ypiranga, por isso a marcação da falta. Falta para o Ypiranga, zero a zero, informando Oi".

Na TV, apenas se relata esse tipo de situação quando jogadores, comissão técnica ou torcedores discordam da arbitragem, sem que o repórter se posicione e diga quem, na sua visão, está correto ou errado. Isso, na televisão, é um ofício apenas do comentarista de arbitragem.

Na transmissão da Rádio Gaúcha, também observamos que os repórteres são responsáveis por informar o placar da partida em suas intervenções, já que o torcedor não pode visualizá-lo, como faz quando acompanha o jogo pela TV. Nas 118 participações dos repórteres no jogo, 69 foram acompanhadas pelo placar da partida.

Conclusão

A partir das pesquisas teórica (busca de bibliografia) e empírica (análise dos jogos da RBS TV e da Rádio Gaúcha), foi possível traçar um perfil da reportagem de campo atuante no Rio Grande do Sul e como essas características se repetem nas transmissões de futebol do Brasil. Assim, ficou mais claro não só o papel do repórter em um jogo de futebol, mas também as dificuldades, as diferenças de funções no rádio e na TV e a importância da busca incansável pelo fim do preconceito para com o repórter esportivo.

O trabalho permitiu visualizar que a boa reportagem de campo exige elaboração, pesquisa e abordagens que fogem da simples notificação do fato. Além disso, foi possível concluir que o profissional da imprensa que trabalha dentro do campo de jogo deve buscar novos ângulos de exploração e detalhamento para melhorar e enriquecer a transmissão, independentemente do seu meio de atuação.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Zé Alberto. **Grenal na mídia gaúcha: análise da reportagem de campo em um clássico de futebol**: depoimento [28 de agosto de 2009]. Santa Maria: UFSM. Monografia. Entrevista concedida a Luísa Dalcin da Silva.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

BECKER, Fernando. **Grenal na mídia gaúcha: análise da reportagem de campo em um clássico de futebol**: depoimento [27 de agosto de 2009]. Santa Maria: UFSM. Monografia. Entrevista concedida a Luísa Dalcin da Silva.

CALHEIROS, Luciano. **Grenal na mídia gaúcha: análise da reportagem de campo em um clássico de futebol**: depoimento [27 de agosto de 2009]. Santa Maria: UFSM. Monografia. Entrevista concedida a Luísa Dalcin da Silva.

DALCIN, Luísa da Silva. **Grenal na mídia gaúcha**: análise da reportagem de campo em um clássico de futebol. Santa Maria: Monografia, Universidade Federal de Santa Maria, 2009.

HATJE, Marli. **Grande imprensa:** valores e/ou características veiculadas por jornais brasileiros para descrever a participação da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1998 em França. Santa Maria: Tese, Universidade Federal de Santa Maria, 2000.

LAGE, Nilson. **A reportagem:** teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2003.

PASA, Glauco. **Grenal na mídia gaúcha: análise da reportagem de campo em um clássico de futebol**: depoimento [16 de julho de 2009]. Santa Maria: UFSM. Monografia. Entrevista concedida a Luísa Dalcin da Silva

SAMPAIO, Walter. **Teoria e prática do jornalismo no radio, TV e cinema**. São Paulo: Edusp, Petrópolis: Ed. Vozes, 1971.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos**: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão. São Paulo: Ed. Panda, 2004.

SODRÉ, Muniz. **Técnica de reportagem:** notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.